

O nome de ISRAEL na estela do faraó MERENPTAH

O problema, que abordamos, relaciona-se com o mais antigo texto extra-bíblico em que, com muita probabilidade, aparece o nome de Israel. Por conseguinte, este estudo leva-nos à problemática das origens de Israel, à sua etnogénese, mas que, aqui, não podemos abarcar em toda a sua dimensão. De resto, já em tempos, com mais extensão e profundidade, nos ocupámos desta questão, que tanto tem agitado os estudiosos da Bíblia e sobretudo das origens de Israel¹. Dado o interesse que o tema reveste para os estudiosos da Bíblia, queremos oferecer este pequeno estudo como singela homenagem ao caro amigo e antigo companheiro dos estudos de arqueologia bíblica na Terra Santa, nos longínquos mas apaixonantes anos de 1961-62, quando, apesar de tudo, por aquelas terras ainda se podia viajar e estudar com tranquilidade. O estudo da Sagrada Escritura estava, então, na crista da onda dos estudos teológicos superiores da Igreja Católica e ir fazê-lo à Terra Santa constituía um privilégio e uma apreciada mais valia de qualidade científica.

I – O conhecimento do mundo da Bíblia. Começando a reunir textos, escritos possivelmente desde o século X a.C., a Bíblia só ganhou forma muito mais tarde, de tal modo que a compilação final não ultrapassa o século III antes de Jesus Cristo, ou seja da «Era

¹ Geraldo J. A. Coelho DIAS, *Hebreus e Filisteus na terra de Canaã. Nos pródromos da questão palestiniana*, 2 Volumes, Porto, Faculdade de Letras, 1994. É a nossa tese de Doutoramento em História da Antiguidade, que apenas se encontra fotocopiada.

Comum» (EC), no dizer da tradição judaica. A quase totalidade dos textos é anónima, pois a Bíblia nasce na vida e da vida dum povo crente. O seu estudo é, por isso mesmo, fascinante e mostra-nos que ela tem de ser lida com empatia, senão mesmo com simpatia. Como quer que seja, ali se reflecte a visão dum mundo que vai do Egipto à Mesopotâmia (o território da Meia Lua fértil), por onde perpassam os impérios egípcio, assírio e babilonense, com a história do povo hebreu instalado naquilo que se chamava Canaã e, depois, se chamou Israel/Judeia, e Palestina, a Terra Santa. Há narrativas mitológicas e históricas, que, por vezes, é difícil destringer; abundam perspectivas geográficas nem sempre bem caracterizadas ou definidas e muitas leis que, no fundo, constituíam quase património comum dos povos da zona.

Os documentos extra-bíblicos, que confirmam narrativas e histórias da Bíblia, só, há pouco, a Arqueologia no-los começou a revelar. A leitura e interpretação da Bíblia, como a de qualquer literatura antiga, pré-clássica, é, conseqüentemente, árdua e problemática para o leitor ocidental e moderno. O mundo bíblico, do ponto de vista cultural e monumental, é muito inferior ao do Egipto ou ao das grandes civilizações da Mesopotâmia, embora apresente com esses territórios e respectivos povos um sistema de vasos comunicantes, de tal modo que temos, constantemente, de recorrer a narrativas semelhantes e a factos paralelos. De facto, trata-se dum mundo bastante diferente do ocidental em termos geopolíticos e de mentalidade. A leitura e hermenêutica da Bíblia exigem, por isso, conhecimentos de história, de línguas e de géneros literários, e não são acessíveis a qualquer um, por mais que a todos os crentes se aconselhe a sua leitura numa tradução coerente e bem anotada. A razão é que, de facto, a Bíblia pode dar azo a leituras fundamentalistas, esotéricas ou racionalistas, que, por sua vez, levam a conclusões muito mais imaginativas que reais e fazem daquilo que deveria ser a história da salvação uma fonte de efabulações esotéricas. Hoje, cada vez mais os cientistas estão contra a opinião historicista tradicional, de que, em certa medida, Roland de Vaux, OP, nos dava a síntese histórica².

Neste sentido, há que virar constantemente o nosso óculo de leitura para a cultura do Egipto e da Mesopotâmia, porque é lá que

² Rolland DE VAUX, OP, *Histoire ancienne d'Israel*, I, Paris, J. Gabalda et C.^{ie} Éditeurs, 1971. Cf. André LEMAIRE, «Recherches actuelles sur les origines de l'Ancien Israel», *Journal Asiatique*, 270, 1982, 5-24.

se encontram as potências e as culturas a que a Bíblia faz referência ao narrar a história do Povo de Deus. Não partilhamos, evidentemente, de forma alguma, a opinião do alemão Delitzsch³ que, perante o acumular de documentação arqueológica, cada vez mais conhecida e convincente, afirmava, de forma peremptória, a equação «BIBEL-BABEL», como se, na Bíblia, tudo viesse de Babilónia, embora reconheçamos que há ali algo de verdade. No caso que nos ocupa, porém, vamos voltar-nos para o Egipto.

II – A Bíblia e o Egipto. Segundo a narrativa do livro do Êxodo (1-15) e toda a tradição hebraica posterior, é do Egipto que parte o povo hebraico para a arrancada da instalação na terra prometida de Canaã. Foi, de facto, a partir do livro do Êxodo que se estabeleceu a convicção de que o povo hebraico saiu do Egipto para se instalar na terra de Canaã, o «*Pa-Kena'an*» dos textos egípcios antigos. Mas o texto do Êxodo é o resultado literário duma redacção que acumulou tradições ou textos pré-literários, que um redactor tardio concatenou e a que deu forma historicizante. Curioso, porém, é constatar que os textos egípcios dos tempos faraónicos, tidos como contemporâneos dos acontecimentos do Êxodo, nada contam a respeito de Israel ou dos judeus e nada dizem sobre José e a estadia dos hebreus no Egipto. Quando muito, com a afirmação da opressão dos hebreus no Egipto, o livro do Êxodo, sempre ele, tem uma vaga referência à zona do Delta (Goshen), onde os hebreus se teriam instalado, e à construção das cidades armazéns de Pitom e Ramsés (Ex. 1,11). É sobre esses dados que a tradição bíblica posterior vai insistir. Ora Pitom ou melhor Per-Atom (Casa de Atom) e Per-Ramsés teriam sido cidades de armazenamento mandadas construir no tempo do faraó Ramsés II (1290-1224 a.C.), o faraó dominante, megalómano mas emblemático da XIX dinastia egípcia.

A descida de José e seus irmãos ao Egipto poderia, quando muito, compreender-se e aceitar-se, historicamente, com o domínio dos Hyksos, nome que traduz o egípcio **HK3W H3SWT** (= *Chefes dos países estrangeiros*), povos de origem semítica, que, numa daquelas ondas migratórias do II milénio antes de Cristo, conseguiram estabelecer-se no Baixo Egipto ou Delta do Nilo, entre os

³ Friedrich DELITZSCH, *Babel und Bibel*, Leipzig, 1902. Em 1921, a edição atingiu 63.000 exemplares.

séculos XVII-XVI (1650-1550) a.C.⁴. Formaram ali a XV e XVI dinastias, com capital em Tānis, a Soan bíblica (Nm. 13,22; Is. 119, 11; Sl. 78,12), actual Tell el-Dab'a no Delta. Ao serem expulsos, teriam arrastado consigo a primeira leva de hebreus, que lograram estabelecer-se ou sedentarizar-se em Canaã, conforme a moderna análise literária dos textos bíblicos permite deduzir. Ficou célebre a batalha de Charuhen (Tell el-Far'ah, no sul de Canaã, entre Amósis e os Hyksos, cerca de 1550 a.C., e é ela que vai facilitar a penetração do Egipto em Canaã⁵. Contudo, a interpretação científica da história bíblica do Êxodo hebraico do Egipto para Canaã continua em aberto⁶ e toda a pesquisa arqueológica ainda não permitiu a sua confirmação como acontecimento historicamente verificado⁷.

III – O faraó MERENPTAH do Egipto (1224-1204 a.C.) e ISRAEL. Merenptah foi o décimo terceiro filho de Ramsés II (1224-1204 a.C.) e o seu sucessor no trono do Egipto faraónico⁸. A sua nomenclatura real é complexa MERENPTAH HETEP HERMAET BAENRÉ-MERI NETJERU («*Aquele que ama Ptah, aquele que satisfaz Maet, Ba de Re-amado dos deuses*») e a sua cronologia ainda é discutida (1224-1209 a.C.). Todavia, a respeito dele, a arqueologia descobriu diversos documentos, sobretudo estelas, que permitem situá-lo com relativa precisão no tempo e no contexto do Médio Oriente. Todos os documentos celebram as suas lutas e vitórias sobre os chamados «Povos do mar», que, por terra e mar, pretendiam invadir o Egipto: Estela do 11.º ano, estela do 8.º ano e estela do 5.º ano. Esta, do 5.º ano do seu reinado, é a mais famosa, exactamente por os epigrafistas lerem nela o nome de ISRAEL; ainda que com hesitações. Por isso, com alguma razão a classificam como a Estela de Israel, ou da Vitória (1217 a.C.).

⁴ Luís Manuel ARAÚJO (Dir.), *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001.

⁵ Geraldo J. A. Coelho DIAS, «Penetração do Egipto em Canaã», *Cadmo*, n.º 10, Lisboa, 2001.

⁶ Sayed SALAMA, *Mosè e L'Esodo alla luce delle fonti sacre e dell'egittologia*, con la collaborazione di Maria Luz Mangado Alonso, Nápoles, Grafite Editrice, 1999 (tradução do espanhol).

⁷ Israël FINKELSTEIN e Neil ASHER SILBERMAN, *La Bible dévoilée. Les nouvelles révélations de l'archéologie*, Paris, Bayard, 2002; E.-M. LAPERROUSAZ (Dir.), *La proto-histoire de Israel*, Paris, Les Éditions du Cerf, 1990.

⁸ Luís Manuel de Araújo (Dir.), *Dicionário do antigo Egipto*, Lisboa, Caminho, 2001, 562.

A ESTELA DE ISRAEL, encontrada por W. M. Flinders Petrie, em 1896, na necrópole de Tebas, Egípto, está depositada no Museu do Cairo (CG, 34025) e é, na verdade, um bloco de basalto negro reusado, porque tem no reverso uma inscrição mais antiga do faraó Amenhotep III ou Amenófis (1402-1364 a.C.). A estela mede 3,180 × 1,650m, e tem 28 linhas escritas. Ao alto, numa espécie de lúnula artística, aparece um simbólico relevo duplicado representando o faraó Merenptah a receber do deus Amon a espada curva, símbolo da força e da vitória, e como que apadrinhado pela deusa Mut, mãe de Khonsu. É a tríade divina de Tebas, protectora dos faraós da 19.^a dinastia. Depois, na parte epigráfica, vem o texto hieroglífico de 28 linhas, texto de carácter épico, poético e laudatório, a exaltar o êxito guerreiro do faraó, e de que damos, pela primeira vez em português, a tradução completa em apêndice. Os dados mais importantes para o caso são os da linha 26-29, onde precisamente o nome de Israel, já coçado pelos dedos dos guias e turistas (linha 27), aparece enquadrado com outros nomes de terras conhecidas de Canaã.

«Os príncipes estão prostrados, dizendo: “Paz!”
 Entre os Nove Arcos, nenhum levanta a cabeça.
 Tehenu está desolado; Hatti está em paz;
 Cannã está saqueado com todas as desgraças;
 Asheqelon está exilado; Guezer está prisioneiro;
 Yanoam está no estado daquilo que não existe;
 Israel está devastado, sem semente;
 Huru tornou-se uma viúva para o Egípto!
 Todas as terras em conjunto estão em paz;
 Toda aquela que estava irrequieta foi dominada».

Deve ter-se, porém, em consideração que o nome de Israel, de que se fala, não é ainda uma entidade geopolítica, mas, com certeza, um grupo de gente sem terra definida, à procura de poder sedentarizar-se e instalar-se na região. Na verdade, o determinativo para Israel, que aparece na linha 27, anteposto ao nome, transliterado em ISIRAIR, é o do homem e da mulher, sentados, indicativo de povo ou clã ainda não sedentarizado, ao contrário do que se veri-

fica com os outros nomes citados, que são determinados pelo símbolo de povo estrangeiro ou cidade defendida. Sublinhe-se, portanto, que o nome de Israel, apesar da escrita ainda um pouco confusa, aparece pela primeira vez na história e em documento egípcio, muito antes de aparecer em escrita hebraica, sendo certo que nem antes nem depois aparece nos textos egípcios.

O poema desta estela, no seu todo, é uma hipérbole poética, uma encomiasta apologia assente na pretensa vitória sobre os povos que pretendiam invadir o Egipto, associando-se a vitória sobre os líbios e os «Povos do Mar». Há quem ponha em causa a historicidade da campanha asiática de Merenptah, mas ela é confirmada pelo título de «dominador de Guezer», que lhe atribui a inscrição de Adamah⁹. Apesar de problemas, não se tem contestado a leitura e identificação dos topónimos, tal como foram propostos por Spiegelberg, logo em 1896, e aceites na versão de Pritchard no ANET.

Em 1986, Frank Yurco fez uma revelação sensacional a propósito de Merenptah¹⁰. Em Karnak, no paramento do muro exterior oeste, na chamada «Cour de la Cachette», ele identificou cenas de batalhas sobrepostas. Eram atribuídas a Ramsés II e ao rei hitita Hattusilis III, a quando da batalha de Qadesh (1275 a.C.), junto ao rio Orontes, pois estão juntos do respectivo tratado de paz. Todavia, o arqueólogo Yurco pretende provar que, de facto, se referem ao faraó Merenptah, e tudo isso porque os cartuchos ou cartelas originais com o nome do faraó Merenptah tinham sido re-usados e engessados com os dos faraós Amenmésés (1204-1200 a.C.) e Seti II (1200-1194 a.C.). Yurco identifica, então, as várias cenas do muro. A 1.^a com a tomada da cidade de Ashqelon, cujo nome é bem visível e legível, enquanto a 2.^a e 3.^a estão sem nome, porque as respectivas pedras desapareceram; também a 4.^a está sem nome e a batalha trava-se num descampado, com o carro do faraó a investir sobre os inimigos, que fogem em tumultuosa debandada. Partindo da identificação de Ashqelon, Yurco concluía que as quatro cenas são a ilustração plástica da Estela de Merenptah ou de Israel no que se refere à campanha asiática do 5.^o ano (1217 a.C.) do dito faraó.

⁹ James B. PRITCHARD (Ed.), *The Ancient Near Eastern Texts relating to the Old Testament* (ANET), 3.^a ed., Princeton, Princeton University Press, 1969, 258-259.

¹⁰ Frank J. YURCO, «3.200 – Year-Old Picture of Israelites Found in Egypt», *Biblical Archaeology Review*, XVI, 5, 1990, 20-38, artigo que, naturalmente, não deixou de provocar polémica. Na penúltima linha, ao centro, está posto em evidência o nome de Israel, lido da direita para a esquerda.

A ser legítima e válida a aproximação dos relevos da «Cour de la Couchette» à Estela de Israel, estaríamos perante um documento de veras curioso e importante para a identificação e caracterização dos «israelitas», vestidos de roupas longas, à semelhança dos habitantes das cidades cananeias, e não como nômadas, os famosos Shasu, que também aparecem nas cenas 5.^o, 7.^a, 8.^a.

Tudo isto nos levará a concluir, com a tradição exegética, que Ramsés II (1289-1224 a.C.) poderia ter sido o faraó da opressão dos hebreus no Egito, segundo o Livro do Êxodo, e seu filho Merenptah o faraó da perseguição. Como quer que seja, vê-se a importância que, hoje, existe em articular as narrativas bíblicas e os achados arqueológicos.

APÊNDICE DOCUMENTAL

Estela do 5.^o Ano de Merenptah – Estela da Vitória//Estela de Israel –

«Ano 5.^o, terceiro mês da terceira estação, dia 3, sob a majestade de Hórus: Touro poderoso, rejubilando na Verdade: o Rei do Alto e Baixo: Ba-en-Re-Meri-AMON; o filho de Re: MER-en-PTAH-Hetep-Hir-MAAT. A glorificação da força e exaltação do braço forte de Horus: Touro poderoso que derrota os Nove Arcos, cujo nome é dado à eternidade para sempre. O relato das suas vitórias em todas as terras para fazer com que todas as terras em conjunto saibam e para permitir que seja visto o mérito nos seus feitos de valor: o Rei do Alto e baixo Egito: Ba-en-Re-Meri-AMON; Filho de Re: MER-en-PTAH-Hetep-Hir-MAAT; o Touro, senhor da força, que mata os seus inimigos, indulgente no campo do valor quando a sua conquista foi executada:

O sol descobrindo a nuvem que se deteve sobre o Egito
E permitindo ao Egito ver os raios do disco solar;
removendo a montanha de metal do pescoço do povo,
de modo a permitir a respiração ao povo que estivera lá
encerrado;
Pacificando o coração de Mênfis acerca dos seus inimigos
E fazendo Ta-tenen rejubilar sobre esses rebeldes contra ele;

Abrindo as portas de Mênfis que tinham sido trancadas
e deixando os seus templos receberem o seu alimento:

O Rei do Alto e Baixo Egípto: Ba-en-RE-Meri-Amon; o Filho
de RE: MER-en-PTAH Hetep-Hir-MAAT;

O único restaurando a coragem de centenas de milhares,
pois a respiração entra pelas suas narinas quando o vêem;
Penetrando na terra de TEMEH durante a sua vida,
e lançando um terror eterno no coração dos Meshuesh.

Ele faz voltar para trás Rebu, que tinha esmagado o Egípto,
com os corações apavorados por causa do Egípto.

A sua guarda avançada abandonou a retaguarda. As suas pernas não pararam de correr. Os seus arqueiros abandonaram os arcos. O coração dos soldados de infantaria ficou enfraquecido por causa das viagens. Deitados no chão, eles desprenderam os odres, desamarraram as mochilas e puseram-nas de lado.

O miserável inimigo, príncipe de Rebu, desapareceu sozinho na profundidade da noite. Não tinham penas na cabeça; os seus pés estavam descalços. As suas mulheres foram capturadas diante dos seus olhos. Os pães para sua provisão foram apreendidos; ele não tinha água no odre para o manter vivo. A face dos seus irmãos estava ameaçadora para o matar; entre os seus comandantes cada um lutava com seus companheiros. As suas tendas foram queimadas, feitas em cinza. Todos os seus alimentos ficaram para alimento das tropas. Ele alcançou o seu país, e ficou de luto. Todos os sobreviventes na sua terra estavam ofendidos (para) o receber: «O príncipe (a quem) o penacho da má fortuna se opôs!», diziam-lhe todos os que pertenciam à sua cidade.

«Ele está em poder dos deuses, senhores de Mênfis;

O Senhor do Egípto faz do seu nome uma praga: –

«MEREY» é o detestado de Mênfis.

Ele e todo o filho da sua família até à eternidade.

Ba-en-Re Meri- AMON irá em perseguição dos seus filhos;

MER-en-PTAH Hetep-Hir-MAAT foi-lhe dado como uma fatalidade».

Ele tornou-se como um provérbio para Rebu;

Uma geração anuncia à outra as suas vitórias: –

«Nunca houve para nós tempo igual (desde os dias) de RE!»

É isto que diz qualquer ancião falando com seu filho.

Ai de Rebu! Eles deixaram de viver à agradável maneira daquele que passeia nos campos. O seu caminhar é limitado a um só dia. Os Tehenu são *consumidos* num só ano, pois SETH virou as costas ao seu chefe; as suas instalações são abandonadas por *causa dele*. Não há trabalho de transporte de *cestos* nestes dias. É vantajoso esconder-se, porque se está seguro na caverna. O grande Senhor do Egito é poderoso; a vitória pertence-lhe. Quem pode combater, sabendo que os seus passos estão sem impedimento? Insensato e inconsciente é aquele que tem de se haver com ele! Aquele que atravessa as suas fronteiras não sabe o que é para si o dia de amanhã.

«Quanto ao Egito», dizem eles, «desde (o tempo de) os deuses (ele tem sido), a única filha de Re, e seu filho é aquele que está no trono de Shu. Nenhum coração ganhou *fama* por atacar o seu povo, porque o olhar de todos os deuses persegue aquele que o cobiça, e ele é que conseguirá o fim de todos os seus inimigos». Assim dizem *aqueles que observam* as estrelas e que conhecem todos os mágicos feitiços olhando para os ventos. «Uma grande maravilha aconteceu no Egito! Aquele que o atacava foi entregue nas mãos como um prisioneiro vivo, devido aos conselhos do rei divino, justo contra os seus inimigos na presença de Re».

Merey é aquele que faz coisas más e *subversivas* contra todos os deuses que estão em Mênfis. É aquele com quem houve litígio em Heliópolis, e Enêade considerou-o culpado por causa dos seus crimes. O Senhor de tudo disse: «Dai o braço forte ao meu filho, o de coração recto, o misericordioso e bondoso, Ba-en-Re Meri-AMON, o que é solícito para com Mênfis, que responde (a favor de) Heliópolis, abrindo as cidades que tinham sido fechadas, para que ele pudesse libertar muitos que tinham sido presos em todos os distritos, para que pudesse fazer dádivas aos templos, para que pudesse fazer que se trouxesse incenso diante do deus, para que pudesse fazer com que os grandes possuíssem a sua propriedade

(de novo), para que pudesse fazer com que os pobres *regressassem* às suas cidades.».

Assim falam os senhores de Heliópolis acerca do seu filho, MER-en-PTAH Hetep-Hir-MAAT: «Dai-lhe uma vida longa como a de Re, para que possa responder (a favor de) aquele que está a sofrer por causa de qualquer país. O Egipto foi-lhe dado para ser a *porção* daquele que o representa, para ele para sempre, de modo que possa *proteger* o seu povo. Olhai, enquanto se vive no tempo daquele que é poderoso, o sopro da vida vem imediatamente. O valente, que faz com que os bens corram para o homem recto, – não há fraude que retenha o seu despojo. Aquele que recolhe a gordura da perversidade e a força de outros não (terá) filhos». Assim falam eles.

Merey, o miserável, ignorante inimigo de Rebu, veio atacar os «Muros do Soberano», o filho de seu senhor ergueu-se em lugar dele, o Rei do Alto e Baixo Egipto: Ba-en-RE Meri-AMON; o filho de RE: MER-en-PTAH Hetep-Her-MAAT. PTAH disse acerca do inimigo de Rebu: «Juntai todos os seus crimes, postos sobre a sua cabeça. Entregai-o às mãos de MER-en-PTAH Hetep-Hir-MAAT para que ele o faça vomitar o que engoliu, como um crocodilo. Agora, olhai, o veloz vence o veloz; o Senhor, consciente da sua força, armar-lhe-á o braço. É AMON que o amarra com a sua mão de modo que possa ser entregue ao seu KA em Hermonthis; o Rei do Alto e Baixo Egipto: Ba-en-RE Meri-AMON; o Filho de Re: MER-en-PTAH Hetep-Hir-MAAT».

Grande alegria se levantou no Egipto;

júbilo surgiu nas cidades do Egipto.

Fala-se das vitórias

que MER-en-PTAH Hetep-Hir-MAAT obteve em Tehenu:

«Como é digno de amor o soberano vitorioso!

Como é exaltado o rei entre os deuses!

Como é afortunado o senhor do comando!

Ah! como é agradável sentar-se quando há uma conversa amena!»

Pode-se andar com passo desimpedido pelo caminho, porque não há nenhum receio no coração do povo. Os fortes são deixados a si próprios, os poços (permanecem) abertos, *acessíveis* aos mensageiros. Os parapeitos da muralha estão tranquilos ao sol até que os seus vigias acordem. Ao Madjoi estão escondidos enquanto dormem; os Nau e os Tekten estão nos prados como é do seu desejo. O gado do campo anda à solta, a vaguear sem pastores, atravessando mesmo a cheia da corrente. Não irrompe um grito na noite: «Alto! Olhai, vem alguém com fala de estrangeiros!», (mas) a gente vai e vem cantando. Não há pranto de pessoas como quando há luto. Povoam-se, do novo, as cidades. O que granjeia a sua colheita comê-la-á. RE voltou-se de novo para o Egipto. Nasceu, como quem está predestinado para ser o seu protector, o Rei do Alto e Baixo Egipto: Ba-en-RE Meri-AMON; O Filho de RE: Mer-en-PTAH Hetep-HIr-MAAT.

Os príncipes estão prostrados, dizendo: «Paz!»

Entre os Nove Arcos, nenhum levanta a cabeça.

Tehenu está desolado; Hatti está em paz;

Cannã está saqueado com todas as desgraças;

Asheqelon está exilado; Guezer está prisioneiro;

Yanoam está no estado daquilo que não existe;

Israel está devastado, sem semente;

Huru tornou-se uma viúva para o Egipto!

Todas as terras em conjunto estão em paz;

Toda aquela que estava irrequieta foi dominada

pelo Rei do Alto e Baixo Egipto: Ba-en-RE Meri AMON,

o Filho de RE:

MER-en-PTAH Hetep-Hir-MAAT, a quem seja dada vida
como RE todos os dias»!

Estela de Merenptah//Israel

